

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA. MEDALHÍSTICA (III).

(Continuação).

III.

MEDALHISTAS BRASILEIROS.

Os primeiros trabalhos de gravura numismática no Brasil datam do Domínio Holandês. São as moedas obsidionais e de necessidade batidas em prata e ouro no Recife, de 1645 a 1654. Fê-las gravador cujo nome infelizmente a opulenta bibliografia da época não consigna. Atribuem sua autoria vagamente a um Hendrich Brunswelt.

Igualmente as mais antigas medalhas de que se tem notícias são as duas feitas no Recife em 1646.

"A guarnição do Recife e fortaleza Maurícia já contavam os dias ou talvez as horas, dentro das quais se veria obrigada a render-se, quando no dia 23 de junho de 1646 chegavam da Holanda os dois pequenos barcos Isabel e Falcão, com algumas munições e a certeza de que, dentro de um mês, devia chegar à praça um formidável socorro. A notícia e o pequeno socorro trazido foram muito festejados e se considerou de tanta importância que, para perpetuar sua memória, fizeram depois os holandeses cunhar uma medalha, cuja inscrição dizia: O Recife foi salvo pelo Falcão e Isabel" (4).

Netscher acrescenta (5):

"A alegria foi tão grande na praça sitiada, que se fêz presente aos capitães dêsses dois navios, portadores de boas notícias, de uma medalha a cada um...".

O acatado mestre Alfredo de Carvalho (6), tratando das *Moedas Obsidionais cunhadas no Recife*, destaca essa interessante particularidade de ter sido a primeira medalha comemorativa cunhada em Pernambuco, fazendo minuciosa narrativa dos acontecimentos que lhe deram origem e em cuja opinião nos louvamos, reproduzindo as suas próprias palavras:

(4). — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, 2a. edição, vol. 2º, pág. 643.

(5). — Netscher, *Les Hollandais au Brésil*, pág. 206.

(6). — Alfredo de Carvalho, *Moedas obsidionais no Recife*, in "Revista do Instituto Arqueológico", vol. XIII.

“O prolongado cerco pôsto em 1645-1646, pelos insurgentes pernambucanos à capital do Brasil Neerlandês, foi um desses períodos calamitosos em que a pertinácia proverbial dos invasores esteve prestes a desfalecer. Para testemunhar o extremo a que chegara então a penúria e o desânimo entre os sitiados, basta o alvorôço entusiástico com que foi acolhida em 22 de junho de 1646, a chegada de dois pequenos hiatos com provisões. O desespere atingira o auge, justificando até a desvairada resolução de fazer-se uma sortida geral para romper o assédio ou perecer na emprêsa. Dois dias antes do designado para a sortida, a 22 de junho, escreveu Neuhof: “dia que jamais esquecerei, avistei no mar duas velas aproximando-se impelidas por tão galerno vento que levantavam golfões de espumas. Ao içarem a bandeira do Príncipe (Orange) reconhecemos serem navios amigos. Logo que colheram o pano, cada um deles disparou três tiros em sinal de que vinham diretamente da pátria. Fretado pela Câmara de Amsterdão, haviam partido de Texel a 20 de abril e traziam notícia de que a todo instante deviam esperar socorros. A alegria que se apoderou de todos nós não pode ser descrita. Todos os quem a fome ainda permitia andar, corremos para o porto. Cada qual que soltasse mais ruidosas exclamações de júbilo e o fumo das repetidas salvas obscurecia o ar” (7).

O sucesso foi julgado de tamanho alcance para os sitiados, que a fim de perpetuar a sua memória fizeram cunhar, para serem oferecidas aos capitães dos hiatos salvadores, duas medalhas de ouro com a seguinte legenda:

Door de Walk en Elisabet

Is het Reciff ontzet

que se traduz: *Pelo Falcão e o Isabel foi o Recife salvo.*

Foi esta a primeira medalha batida no Brasil e precedida de pouco menos de um ano, pelas famosas moedas obsidionais, hoje das mais valiosas raridades numismáticas, conquanto os pormenores da sua cunhagem até agora tenham permanecido quase ignorados.

MEDALHAS COMEMORATIVAS DO DOMÍNIO COLONIAL HOLANDESE NO BRASIL.

1. — *Tomada da Bahia pelos holandeses comandados pelo almirante Willekens, a 8 de maio de 1624.*

Vibrando golpes contra a Espanha com quem se achavam em guerra, dirigiram os holandeses as vistos tam-

(7). — *Gedenkiveerde Brasiëlaense Zeo-Laudt-Reize* — Amsterdão, 1682, pp. 175-176.

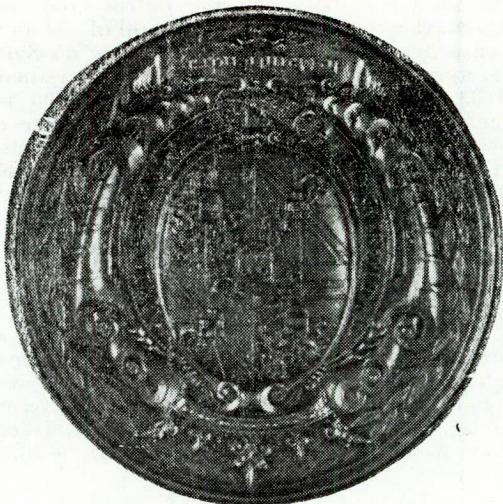
bém para o Brasil que, com outras colônias portuguêssas se achavam sob o domínio espanhol. O ponto escolhido para a primeira invasão foi a cidade do Salvador, na Bahia, aprestando-se para isso uma forte esquadra composta de 33 navios e outros menores, com 500 peças de artilharia, 1600 marinheiros e 1700 homens de desembarque. O comandante em chefe da esquadra era o almirante Jacob Willekens, tendo por imediato o vice-almirante Pieter Pieterzoon Heyn; o coronel Johan van Dorth comandava as tropas e seria o futuro governador das regiões que conquistasse. Sem elementos materiais para a luta, toda a resistência seria inútil. Pieter Heyn tomou o forte de São Marcelo e na falta de Johan van Dorth que se atrasara na viagem, o major Albert Schouten dirigiu o desembarque no pontal de Santo Antônio e investiu contra a cidade onde aprisionou o governador Diogo de Mendonça Furtado remetendo-o para bordo de um dos navios da esquadra. Dos 15 navios que se encontravam no pôrto, os holandeses tomaram oito e incendiaram sete. No dia seguinte, 11 de maio, desembarcou Johan van Dorth e tomou conta do governo.



Fig. 9. — Domínio holandês.

Anverso: Busto do Príncipe Maurício de Nassau de frente, circundado pela legenda: *Mauritius D. G. Princeps Auricæ dom: Nass: etc. Pro Confoe: Gub:* na orla os escudos das 7 Províncias Unidas: *Gelria, Holan, Zeeland, Trahec, Frisia, Transi, Groeni.*

Reverso: As armas da Casa de Orange contornadas pela fita da Ordem da Jarreteira que traz a divisa: *Honi Soit Qui Mal y Pense,* Ordem a que pertencia João Mau-



rício de Nassau. No exergo uma bandeirola com a divisa do Príncipe: *Je Maintiendray* que é ainda hoje a divisa da Holanda. Prata — 68 m/m.



Fig. 10. — Domínio holandês.

2. — *Retirada dos holandeses da Bahia. 28 de abril de 1625. (Jeton)*.

Passado o pânico que se apossara dos habitantes da cidade do Salvador, começou a organizar-se no interior da Bahia um considerável exército para repelir os invasores. Matias de Albuquerque, governador de Pernambuco e substituto de Mendonça Furtado, devia assumir a direção dos negócios, mas enquanto se preparava para chegar à Bahia, foi o governo entregue provisoriamente ao bispo D. Marcos Teixeira, um dos dirigentes do movimento contra os holandeses. Lourenço Cavalcanti e Antônio Cardoso, chefes nomeados pelo bispo, sitiaram a cidade e foram logo reforçados por Francisco Nunes Mari-

nho que viera de Pernambuco por ordem de Matias de Albuquerque. Iniciadas as escaramuças, foi Johan van Dorth morto pelo capitão Francisco Padilha; Alberto Schouten morreu também, pouco depois. Sucediam-se as guerrilhas quando apareceu na Bahia a esquadra luso-espanhola comandada por D. Fradique de Toledo Osório composta de 52 navios e vários transportes conduzindo 12.562 homens de desembarque e tripulação. As fôrças de terra obedeciam ao comando do brasileiro D. Francisco de Moura chegado de Pernambuco, nomeado capitão-mor do Recôncavo. No contingente napolitano encarregado de conduzir as laterais do sitio, distinguiu-se o sargento-mor Giovano Vicenzo Sanfelice, mais tarde conde de Bagnuolo. Hans Ernest Kiff, que substituira William Schouten no comando dos holandeses, pouco pôde fazer e depois de alguns combates inúteis capitulava a 28 de abril de 1625.

Na manhã de 1 de maio dêsse mesmo ano tremulavam na cidade do Salvador as bandeiras de Portugal e Espanha.

Anverso: Tropas de cavalaria e infantaria em combate. Ao alto a palavra hebraica *Jeovah*. Na orla: *Vsqve Qvos? Hostes Imminent Vndique* (até quando? os inimigos ameaçam de todos os lados). Círculo de pontos.

Reverso: Navios holandeses e luso-espanhóis em combate. Na orla a legenda: *Confortamini Deo Confidentes* 1626. (Sêde corajosos, pondo tôda a confiança em Deus). Círculo de pontos. Cobre 33 m/m.



Fig. 11. — Domínio holandês.

3. — Homenagem à memória do almirante Pieter Heyn.

Pieter Heyn, o ilustre vice-almirante companheiro de Jacob Willekens no comando da frota holandesa quando da invasão da Bahia, ainda hoje é lembrado nos faustos marítimos de sua pátria. Foi o autor da grande façanha ambicionada por todos os marinheiros holandeses da época: o assalto a vários galeões do México carregados de

prata, cachonilha e anil, levando os primeiros 9 milhões de ducados à Companhia das Índias Orientais. Esse feito memorável ainda hoje é lembrado nas cantigas das crianças:

““Piet Heyn, Piet Heyn, zijn naam is klein
Zijn daden benne grot
Hij overwon de zilveren vloot”.

Pieter Heyn morreu lutando contra os piratas nas costas de Dunquerque.

Anverso: Retrato do almirante Pieter Heyn, de meio corpo, tendo em sua mão direita o bastão do almirantado. Na orla a legenda: *Afbeeldinge V Vermaerden Helt Pieter Pieterz Heyn*

Reverso: No centro a frota holandesa ancorada na Bahia de Salvador, aparecendo ao fundo a cidade. Circularmente, nove medalhões com as armas dos navios da esquadra: *Amsterdão, Leão, Grifo, Cegonha, Coruja, Netuno, Utrecht e Leão Bátavo*. Ao alto um motivo simbólico representando os combates de Cuba e Matanza, quando foi aprisionada a frota espanhola erregada de prata. Bronze 51 m/m.



Fig. 12. — Domínio holandês.

Os holandeses não desanimaram com a derrota sofrida na Bahia e para isso preparam uma formidável frota de 70 navios, com 1200 canhões e 7200 soldados para conquistar Pernambuco, trazendo como comandante em chefe Hendrik Corneliszoon Lonk; Pieter Adrianszoon, como almirante e Diederick Weerdenbuch, como comandante das tropas. A esquadra apareceu em frente de Olinda em



4 .— *Comemorativa da tomada de Pernambuco pelo almirante Loncq.*

14 de fevereiro de 1630, desembarcando suas fôrças no local chamado Pão Amarelo. A cidade apenas defendida por Salvador de Azevedo e o capitão Antônio de Lima foi ocupada pelos invasores que marcharam em seguida sobre Recife. Entretanto Matias de Albuquerque conseguira organizar a resistência entrincheirando-se entre as duas cidades, fundando o *Arraial Fortificado de Bom Jesus* e criando as *Companhias de Emboscadas*, dando o comando ao célebre índio Potí, depois conhecido por D. Antônio Filipe Camarão. Em uma das sortidas cairam prisioneiros 600 holandeses, mal conseguindo escapar o comandante Lonk.

Anverso: Num medalhão oval o busto de Frederico Henrique, príncipe de Orange, irmão de João Mauricio de Nassau, então governador das Províncias Unidas, indicado em seu testamento como seu único herdeiro, bem como Governador e Generalíssimo das fôrças da República, quer as de terra como as do mar. Na parte superior, em uma cartela: *Aurea Condet Saecula* (ele fará florir a idade de ouro) é uma referência ao seu governo que tanto brilho deu à conquista de Pernambuco. Em baixo a inscrição *Shertogenbos/1629* e uma vista da cidade de Bois-le-Duc, tomada por ele.

Reverso: Na orla: *Avspichs Adsit — Victrix Concordia*. Ao centro um escudo oval coroado apresentado as armas dos Estados Gerais da Holanda, ladeado por duas fi-

guras simbolizando a Prudência e a Constância. Na parte superior dois anjos sustendo uma corôa de louros sob a inscrição hebraica: *Jehovae*. Em quatro medalhões menores de forma oval: 1626/*Grol* e a vista da cidade; 1628/*Silvir Vlood* e a frota de prata; 1630/*Pernambuco* e o panorama da cidade de Olinda; 1629/*Wezel* e uma perspectiva da cidade. No exergo: *Cvm Prevel*. Prata — 69 mm.



Fig. 13. — Domínio holandês.

5. — *Comemorativa da vitória do almirante Ocquendo sobre a esquadra holandesa nas costas do Brasil.*

Em 1631, tendo recebido reforços, tentaram os holandeses tomar a ilha de Itamaracá, sendo repelidos. Nesse mesmo ano chegava a Pernambuco a esquadra de Adrian Jansen Pater preparada para aprisionar os galeões do México. Para se opor a ela pôrtiu do Tejo uma frota composta de navios espanhóis, portuguêses e napolitanos, comandados por D. Antônio de Ocquendo, que chegou à Bahia em 13 de julho de 1631. Dirigindo-se para Pernambuco encontrou-se com a armada holandesa de Pater, travando-se um renhido combate cujo resultado ficou indeciso, apesar de ter perecido com o seu navio o almirante holandês. Tanto os espanhóis como os holandeses consideraram-se vitoriosos, tendo os primeiros procurado exaltar sua vitória com a medalha aqui descrita.

Anverso: Busto de Filipe IV, rei de Espanha, de perfil, à esquerda. Na orla: *Phillip. IIII. Isp. India — Rex Catholicus — MDCXXXI*. Círculo de pérolas.

Reverso: A figura de Sansão tirando o favo de mel da boca do leão (alusão ao rei de Espanha que não tardaria a tirar da boca do leão neerlandês todos os favos de mel produzidos no Brasil). Na orla superior a legenda: *Dvlcia. Sic. Mervit*. Junto à orla, na sua parte inferior, as letras: *Ava. F.* Círculo de pérolas. Prata — 31 mm.



Fig. 14. — Domínio holandês.

6. — *Tomada do Arraial Fortificado do Bom Jesus e da batalha de Mata Redonda.*

Esta medalha comemora o monumento que a Companhia das Índias Ocidentais mandou erigir no Brasil em homenagem aos feitos de guerra praticados por Cristóvão Artichofski Arciszewski, nobre polonês, general de artilharia e comandante de um regimento de infantaria a serviço da poderosa Companhia. Este ilustre soldado foi quem assaltou com suas forças o Arraial do Bom Jesus. O assédio durou 3 meses. As tropas sitiadas somavam 1200 homens e as sitiadas eram em número muito superior. Os 5 fortins levantados em roda do Arraial pelos holandeses, são os que aparecem na medalha. Depois de muita luta foi o Arraial dominado e Recife libertado dos ataques de surpresa. Na batalha da Mata Redonda que se travou a 18 de janeiro de 1635 foram os nossos derrotados por Artichofski, tendo morrido em combate o general em chefe D. Luís de Rojas y Borgia. Os holandeses com isso consolidavam suas conquistas alargando-as para o norte até o forte dos Reis Magos no Rio Grande do Norte e para o sul até Pôrto Calvo. Matias de Albuquerque, desesperado de qualquer auxílio, resolvia retirar-se para Alagoas a fim de reunir-se a Bagnoulo que para lá se dirigira, depois da perda de Pôrto Calvo. Inúmeras famílias e o restante das forças composta apenas de 500 homens acompanharam na retirada o grande chefe vencido.

Anverso: À direita o mapa topográfico do Arraial Fortificado do Bom Jesus e à esquerda a planta do cam-

po onde se desenrolou o combate de Mata Redonda. No primeiro plano um troféu de armas com o escudo português.

Reverso: As legendas em 13 linhas horizontais: *Herói/Generis Nobilitate/Armorum et Litterarum/Scientia Longe Praestantissimo/Christoph: Ab Artichau Arci/Sze-Wiski Rebin Brasilia Pertrienni/Prudentiss Fortiss Feliciss Gestis/Societas Americana/suae Gratitudinis et Ipsius/Fortitudinis ac Fidel Hoc/Monumentum Esse Volvit/Anno a Chr.Nato/CXXXVII. Prata — 65 mm.*

Primeiras medalhas do Brasil-Colonial.

A primeira menção que se encontra de uma medalha feita no Brasil Português é referente à descoberta das minas de ouro, por Antônio Rodrigues Arzão, de Taubaté, que entrou no sertão do Rio Doce em 1693, com uma comitiva de mais de 50 homens.

“...e entretanto que o destino conduzia a todos na colheita da indiada, tiveram êles a fortuna de descobrir ao mesmo tempo algumas porções de ouro, de que Arzão apresentou 3 oitavas à Câmara da Vila da Capitania do Espírito Santo, onde se fundiram e lavraram depois três medalhas, com uma das quais voltou o mesmo Arzão para São Paulo” (8).

O século XIX representa a fase do desenvolvimento da nossa medalhistica.

Chegando o Príncipe Regente em 1808, experimentou nossa pátria um ciclo inicial de progresso e cultura. Entre as iniciativas dessa natureza que tantos benefícios nos proporcionou, é de justiça que se saliente o apreço dispensado à medalhistica, na comemoração dos fatos importantes ocorridos no período de sua Regência.

A êsse tempo, entretanto, o corpo de oficiais da Casa da Moeda do Rio de Janeiro não se achava ainda capacitado para executar trabalhos de alta concepção, comparáveis aos dos artistas e gravadores europeus, dando isso motivo a que se fizesse em Londres a cunhagem da medalha comemorativa da *Tomada de Caiena*, considerada pelos numismatas brasileiros como a nossa primeira medalha militar.

A vitória do corpo expedicionário, sob o comando do coronel Manuel Marques, contra a praça de Caiena, que afinal capitulou em janeiro de 1809, foi perpetuada na medalha comemorativa que Dom João mandou cunhar para celebrar êsse heróico feito das armas portuguêssas.

(8). — Monsenhor Pizarro e Araújo, *Memórias Históricas*, tomo VIII, parte 2a., pág. 4.



Fig. 15. — Brasil Colônia. Domínio Português.
Caiena tomada aos franceses. 50 m/m. (Gravador: Pidgeon, Londres).

Essa medalha foi gravada por Pidgeon e cunhada em Londres, sob os auspícios de D. Domingos Antônio de Souza Coutinho, conde de Funchal, com as seguintes características:

Anverso: A efígie do Príncipe Regente com a coroa de louros. Na orla: *D: Joam P: G: Princ: Regen: de Portugal & C., 1809.*

Reverso: Dentro de dois ramos de louros entrelaçados formando uma coroa: *14 jan 1809* (em duas linhas). Na orla: *Cayenna tomada aos franceses.*

Medalhas do Brasil-Reino.

Inúmeras foram as dificuldades surgidas com a cunhagem da medalha destinada a comemorar a data da elevação do Brasil à categoria de Reino.

Com efeito, afirma Debret (9):

"No decorrer de 1816, primeiro ano dos preparativos dessa grande obra política que deu origem, sob todas as formas, a monumentos de gratidão, sentiu o Senado da Câmara do Rio de Janeiro a necessidade imperiosa de consagrar uma medalha à glória do novo reino brasileiro.

Apelou-se para os gravadores da Casa da Moeda, mas estes só foram capazes de copiar, ainda assim imperfeitamente, os ferros, já de si informes, importados de Inglaterra para cunhar as peças de moeda de ouro. Mais de um ano já decorrera, de infrutíferos ensaios, quando um francês, gravador de medalhas chegou ao Rio de Janeiro e o feliz acaso reanimou as esperanças do Senado.

(9). — Debret, *Voyage Pittoresque au Brésil.*

O artista iniciou a gravura da efígie real, enquanto *Grandjean*, nosso arquiteto, se ocupava por seu lado da composição do reverso representando um templo dedicado a Minerva, onde se via um busto do Rei coroado pela deusa. O programa foi o mesmo estabelecido pelos senadores para as luminárias que pretendiam organizar às suas ex-



Fig. 16. — Domínio Português.
D. João Príncipe do Brasil Regente de Portugal.

pensas. Tôdas as dificuldades de execução pareciam aplai-nadas quando, infelizmente, ao fim de alguns meses de trabalho, o gravador foi atacado de alienação mental, o que obrigou a deixar o Brasil; pela segunda vez foi a con-fecção dos ferros adiada indefinidamente.

Anverso: Ao centro o busto de D. João, à esquerda, circundado pela legenda: *Príncipe do Brasil Regente de Portugal*.

Reverso: Dentro de uma coroa de louros os dizeres em duas linhas horizontais: *Vota/Publica*.

Diâmetro: 54 mm. Gravada em Londres por Wyon.

Com efeito, sómente em 1820, época da organização da Academia de Belas Artes, a classificação dos profes-sóres distinguiu como gravador de medalhas um dos ir-mãos Ferrez, estatuário. Passando então para as suas atri-buições a gravação da efígie real, fêz êle o motivo de uma primeira medalha que apresentou ao Rei. Esse êxito com-pleto, tanto quanto inesperado e rápido, tranqüilizou o Senado acerca da realização de seus desejos; e graças à atividade do gravador, viu-se aparecer no mesmo ano a medalha há tanto tempo desejada, consagrada à ascenção ao trono de D. João VI, *fundador do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*.

Esses dois primeiros monumentos numismáticos, ocupam a primeira linha, a qual apresenta, no centro, a efígie do Rei, comum a ambos”.



Fig. 17. — Domínio Português.
Dedicada ao Príncipe Regente D. João.

Anverso: Joh. Bras. Prínc. Lus. Reg. Busto do Príncipe D. João à direita.

Reverso: Dentro de uma cercadura formada por dois ramos de carvalho e louro, em cinco linhas horizontais: *Quem/Ames Dici/Pater Atque/Princeps/1800*.

32 mm. Gravada em Lisboa por José Antônio do Vale.

Medalhas do Brasil-Império.

A IMPERIAL ACADEMIA DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO E OS
NOSSOS DOIS PRIMEIROS MEDALHISTAS — ZEFERINO FERREZ E CARLOS
CUSTÓDIO DE AZEVEDO.

Quando em 1816 aportava ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, criada por decreto do conde de Linhares, chegavam logo depois Marcos e Zeferino Ferrez, ambos estatuários, o último, porém, com apreciáveis conhecimentos de gravura de medalhas. Não faziam parte da Missão, mas foram pensionados pelo Príncipe Regente.

Em 1820, época da organização da Academia de Belas Artes, foi Zeferino escolhido para professor da cadeira de gravura de medalhas, com vencimentos de 300\$000 anuais.

Data dessa época a oficialização do ensino das Artes no Brasil. Deixariam de ser autodidatas os nossos esforçados estudiosos e curiosos artistas de uma colônia que passava a Reino.

Zeferino é o gravador das nossas primeiras medalhas e professor de futuros artistas, cujos nomes brilharam no Segundo Reinado.

Nascido em França, em Saint Laurent, próximo de Ferney, no departamento do Jura, em 31 de julho de 1797, faleceu no Rio de Janeiro, com 54 anos, em 22 de julho de 1851, a uma hora da madrugada.

Em seguida à inauguração da Academia, as medalhas eram gravadas por Ferrez e seus discípulos no próprio edifício da Escola de Belas Artes; havia uma balancim e material para cunhagem de medalhas. A Casa da Moeda era incumbida de fornecer os discos de cobre, prata e ouro.

Em 1827, Debret assim escreveu sobre a aula de gravura de medalhas (10):

“Os estudantes devem freqüentar o desenho, como os pintores e os escultores. Ocupar-se-ão de escultura, principalmente do estudo da cabeça em baixo relêvo em barro, reduzida a dimensões medianas e passarão gradualmente até a cópia em baixo relêvo da figura inteira, segundo o modelo vivo. Devem concorrer também com os outros escultores na figura das medalhas. Logo que tiverem chegado a este ponto, principiarão o estudo da gravura sobre os metais, conforme as regras da composição

(10). — Debret, *Projecto do plano para a Imperial Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro que por ordem de S. E. o Ministro dos Negócios do Império foi feito pelos professores da mesma Academia, no anno de 1824.*

e os conhecimentos pertencentes a êste ramo. Seguir-se-á o modo de forjar as medalhas, de dar a têmpora e a maneira de empregar o balancier".

Nas salas de gravura da Academia existiam medalhas nacionais e estrangeiras, antigas e modernas, moedas, coleção de medalhas dos reis de França e dos Sumos Pontífices, baixo relevos, amostras de mármores, de granitos e muitas peças interessantes.

Relação das medalhas de Zeferino Ferrez

Medalha dedicada a Sua Majestade Fidelíssima, primeira cunhada no Rio de Janeiro por êste artista gravador.

Medalha no Senado Fluminense comemorando a Aclamação de Dom João VI.

Do Primeiro Reinado contam-se, entre outros, os seguintes trabalhos:

Medalha comemorativa da Coroação, ou seja a famosa peça de 6\$400. Nesta valiosa peça fêz Zeferino o cunho do retrato, sendo as armas do reverso de autoria de Thomé Joaquim da Silva Veiga, mestre de gravura da Casa da Moeda na época.

As peças da Coroação foram as primeiras moedas de ouro do Brasil Independente e cunhadas para lembrar o grande episódio histórico do Primeiro Reinado. Foram especialmente executadas para a solenidade do dia 1.^º de dezembro de 1822, em que na missa celebrada na Capela Imperial, foi Sagrado e Coroado o Senhor Dom Pedro I.

Medalhas do Ensino Mútuo (1823), sendo uma de prêmio a alunos em geral e outra para os alunos monitores nas classes dêsse ensino instituído por Lancaster.

Ensaios das moedas de 4.000 e 640 réis de 1823.

Medalha da Junta dos Corretores da Praça do Comércio de 1820 a 1826, da qual não se conhece exemplar.

Medalha comemorativa da inauguração da Academia de Belas Artes, solenemente distribuída nessa data (5 de novembro de 1826) aniversário da chegada da primeira Imperatriz ao Rio de Janeiro.

Medalha da reorganização da Academia Médico-Cirúrgica, criada por decreto de 1826.

Do Segundo Reinado contam-se as seguintes medalhas:

Média e pequena medalha-prêmio aos alunos da Academia de Belas Artes em 1834.

Grande medalha prêmio, instituída pelo Imperador em 1836. Raríssima e de excepcional tamanho, foi cunhada na Casa da Moeda.

Medalha comemorativa do falecimento do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva (1837).

Medalha comemorativa da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838.

Medalha comemorativa do casamento de Dom Pedro II com Dona Tereza Cristina Maria, Princesa das Duas Sicílias (1843).

Medalha prêmio da Academia das Belas Artes com 4 cm. de diâmetro.

Evidentemente não pretendemos ter enumerado todos os trabalhos de Zeferino Ferrez. É possível que outros venham a ser identificados, permitindo uma catalogação definitiva.

*

Em seguida a Zeferino Ferrez, outra figura de notável gravador no cenário da medalhistica foi Carlos Custódio de Azevedo, que começou como aprendiz da Casa da Moeda e foi aprovado na arte de abridor de cunhos, em 8 de março de 1820.

Azevedo é autor de diversas e artísticas medalhas. Fêz o cunho de retrato da moeda de 6\$400 de 1823, idem da de 4\$000 de 1824. Fêz os cunhos de retrato e armas da moeda de 6\$400 de 1833. Fêz os cunhos de retrato das moedas de 10\$000 de 1841.

Foi agraciado por D. Pedro II com a insígnia de cavaleiro da Ordem de Cristo, a 18 de julho de 1841.

Faleceu em 22 de novembro de 1850.

Foram, portanto, dois os gravadores da fase inicial da nossa medalhistica: Zeferino Ferrez e Carlos Custódio de Azevedo. Ao primeiro coube a glória de executar a efígie do Fundador do Império Brasileiro; ao segundo, a primazia de executar em punção a cabeça do menino de seis anos que depois será o Consolidador do mesmo Império, o Senhor Dom Pedro II que tão bem conduziu os destinos de nossa pátria durante 49 anos de reinado!

Medalhistas do Segundo Reinado.

E' extensa a lista dos nossos gravadores a partir de 1840. Citaremos, contudo, os seguintes:

Ezequiel da Silva Santos assinava suas medalhas com as iniciais E. S. S. G. (gravou).

Quintino José de Faria, discípulo de Ferrez, aluno da Escola de Belas Artes de 1836 a 1839; assinava suas medalhas com as iniciais Q. F. F. ou então, Faria. Faleceu em 1888.

José da Silva Santos, discípulo de Ferrez e seu substituto na cadeira de gravura de medalhas e pedras finas, na Imperial Academia de Belas Artes. Faleceu em 7 de dezembro de 1869.

João José da Silva Monteiro, chefe da secção de gravura da Casa da Moeda em 1857. Monteiro abriu grande quantidade de cunhos de moedas, entre êles, os das primeiras moedas da Série de Cruzados; abriu as armas imperiais das moedas de 10\$000 de 1841; os cunhos das moedas de 10.000 e 20.000 de 1851, retrato e armas imperiais. Cunho de retrato e armas das moedas de 20.000 e 10.000 de 1854. Foi autor de raras e importantes medalhas.

Faleceu em 24 de dezembro de 1866.

Fidelis Ferreira Paradela, chefe de gravura a talho doce e talho forte da Casa da Moeda. Foi um esplêndido artista.

Christian Luster, gravador da Casa da Moeda e chefe de Abrição. Luster assinou todos os seus trabalhos, inclusive moedas. Larga e valiosa é a sua produção.

Faleceu em 17 de maio de 1871.

Francisco José Pinto Carneiro, chefe da secção de gravura da Casa da Moeda em 1873. Embora magnífico gravador, não deixou contudo grande produção de medalhas; assinava com as iniciais F. J. P. C. ou Carneiro.

Ernesto de Souza Reis Carvalho. Era em 1873 o primeiro abridor de cunhos da Casa da Moeda. Nem sempre assinava suas medalhas e quando o fazia, era com Ernesto ou com as iniciais E. S. R. C.

Brilhante foi a plêiade de gravadores da Casa da Moeda no Segundo Reinado. Acrescentaremos ainda os nomes de *Antônio Pinto Monteiro Coimbra*, *Filipe Neri da Costa Ferreira*, *Eugène Mutton*, *F. F. Paradela* e *Antônio Rodrigues do Nascimento Rangel*, os dois últimos notáveis gravadores em talho doce.

Outros nomes poderão ser citados, sem a projeção dos já mencionados: *José Francisco da Cunha*, *Antônio Teodósio da Silva*, *Manuel Corrêa da Costa*, *Geraldo Francisca Pessoa de Gusmão*, *Antônio de Deus Lima*, *Charles Jouy*, *J. Magistretti* e *Joaquim José da Silva Guimarães Júnior*, os três últimos sem atividade na Casa da Moeda, sendo antes gravadores particulares.



Fig. 18. — Brasil Império. Coroação de D. Pedro II.

S. M. o Imperador D. Pedro II foi coroado na Capela Imperial, na cidade do Rio de Janeiro, a 18 de julho de 1841, sendo oficiante na sua sagradação o arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas, depois marquês de Santa Cruz.

Anverso: *Petrus II Bras. Imp.* No campo, busto do Imperador à direita, coberto com o manto da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Reverso: *Ordo et Felicitas.* O Imperador sentado no trono, é coroado por um cacique simbolizando o Brasil. O cacique esmaga com o pé direito a hidra da anarquia. No exergo a data da coroação.

60 mm. Gravada por Azevedo.



Fig. 19. — Brasil Império. Casamento de D. Pedro II.

Esta medalha comemora o casamento de D. Pedro II com Da. Tereza Cristina de Bourbon, terceira imperatriz do Brasil, nascida em Nápoles a 14 de março de 1822, filha do rei Francisco I das Duas Sicílias e da Infanta de Espanha D. Maria Isabel, filha de Carlos IV. Faleceu na cidade do Pôrto, em 28 de dezembro de 1889.

A cerimônia do casamento foi celebrada na cidade de Nápoles a 30 de maio de 1843, por procuração, representando no ato D. Pedro II, o príncipe Leopoldo das Duas Sicílias, conde de Siracusa, servindo como embaixador do Brasil na ocasião dos espousais José Alexandre Carneiro Leão, visconde de São Salvador do Campo. D. Tereza Cristina chegou ao Rio de Janeiro a 4 de setembro de 1843.

Senhora de grandes virtudes, viveu sempre isolada de qualquer movimento político, estimada e respeitada por todos que lhe rendiam as mais sinceras homenagens.

Anverso: *Nunquam coelo terraeque acceptior*. Figura do himineo com os atributos. Por baixo: *Nuptia imperatoria in urbe fluminense / MDCCCLIII*.

Reverso: Armas do Brasil e das Duas Sicílias, dentro de um docel e por cima a coroa imperial.

60 mm. Gravada por Zeferino Ferrez.



Fig. 20. — Brasil Império. Regência da Princesa Da. Isabel.

A primeira Regência da Princesa Imperial foi no período de 1871 a 1872, durante a ausência de seu augusto pai, D. Pedro II, quando realizou sua primeira viagem à Europa. Foi nesta Regência que a excelsa Princesa assinou a lei de 28 de setembro de 1871, declarando livres os filhos de mulheres escravas que nascessem depois de sua promulgação.

Anverso: *D. Isabel Princesa Imperial Rege o Império. 25 de maio de 1871 a 1 de abril de 1872.* No centro, busto à esquerda da Princesa. Sob o corte Carneiro F.

Reverso: *Encerramento da 3.a sessão / da / 14.a Legislatura.* Ao centro, o edifício do Senado, com tropas formadas. No exerceo *Senado*.

61 mm. Gravada por F. Carneiro.

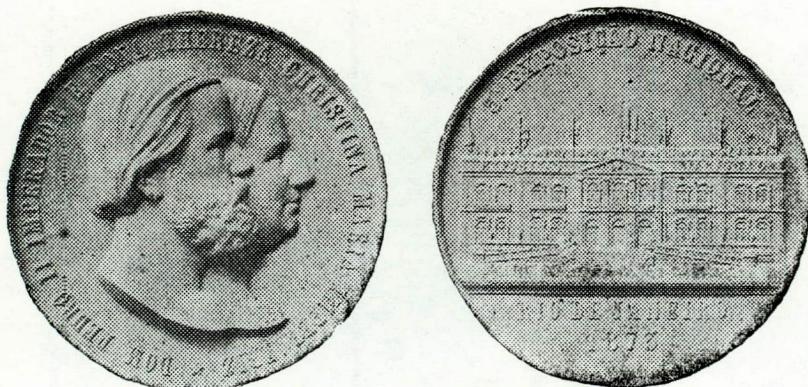


Fig. 23. — Brasil Império. Exposição Nacional de 1873.

Esta Exposição foi realizada no antigo edifício da Escola Central, hoje Escola Politécnica, na cidade do Rio de Janeiro.

Anverso: Busto conjugados de SS. MM. à esquerda, circundados pela legenda: *Dom Pedro II Imperador e Dona Tereza Cristina Maria Imperatriz*.

Reverso: Fachada da Escola Central. Na orla superior: *3a. Exposição Nacional*. No exergo: *Rio de Janeiro / 1873*.



Fig. 21. — Brasil Império. Medalha comemorativa da Abolição da Escravatura.
70 mm. (Gravadores: Ernesto e Carneiro).

A 28 de setembro de 1871 foi promulgada a *Lei do Ventre Livre*, apresentada ao Parlamento pelo visconde do Rio Branco, então presidente do Ministério que, calorosamente a defendeu nas duas Câmaras. Conseguida a sua

aprovação na Câmara dos Deputados por uma maioria de quatro votos, foi tornada lei em todo o país. Entre outras disposições consignava: *liberdade plena dos filhos que nascessem de ventre escravo.*

José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, nasceu na Bahia a 16 de março de 1819 e faleceu no Rio de Janeiro a 1 de novembro de 1880. Formado em matemáticas, lecionou várias disciplinas nas Escolas de Marinha, Militar e Politécnica, sendo desta diretor. Foi homem de Estado, diplomata, jornalista e notável orador parlamentar.

Esta medalha foi dedicada pela Loja Maçônica *O Grande Oriente ao Vale do Lavradio*, ao seu Grão-Mestre visconde do Rio Branco.



Fig. 22. — Brasil Império. Abolição da Escravatura.

Medalha cunhada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para comemorar a sanção da lei n.º 3.353 de 13 de maio de 1888, que declarou extinta a escravidão no Brasil.

A lei foi referendada pelo Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, ministro da Agricultura do gabinete João Alfredo, de 18 de março de 1888, na 3a. Regência da Princesa D. Isabel.

Desde então a Princesa Imperial foi cognominada de *Isabel a Redentora*.

Anverso: *D. Isabel Princesa Imperial Regente do Brasil.* Ao centro, busto da Princesa, à esquerda.

Reverso: *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Dentro de dois ramos de louro: *Lei / de / 13 de maio / de / 1888.* A legenda ensimada por pequena estréla radiante.

46 mm. Cunhada na Casa da Moeda do Rio de Janeiro pelo gravador Carneiro.

Medalhistas da República.

Entre os medalhistas da República cabe o lugar de honra a *Augusto Giorgio Girardet*, legítima glória da medalhistica brasileira, mestre de gravadores de merecimento da Casa da Moeda nos últimos tempos.

Augusto Giorgio Girardet, filho de Giorgio Antônio Girardet e de dona Tereza Severini Girardet, nasceu em Roma (Itália) a 23 de novembro de 1855, falecendo na cidade do Rio de Janeiro a 14 de agosto de 1955, quando faltavam apenas três meses e dias para completar seu centenário de nascimento.

Descendendo de uma família de artistas, teve *Augusto Girardet* como primeiro mestre seu próprio pai, gravador de grande talento que cedo começou a ensinar-lhe a técnica, os segredos da bela e difícil arte da gravura. Estudou mais tarde no Real Instituto de Belas Artes denominado São Lucas, tendo então como mestres F. Podesti, Masini, Allegretti e Giulio Monteverde.

Mediante concurso de títulos e por indicação de Rodolfo Bernardelli, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes, foi *A. Girardet* contratado para rege a cadeira de gravura de medalhas e pedras preciosas na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, a 18 de dezembro de 1891.

A 6 de fevereiro de 1892, tomou posse na Escola Nacional de Belas Artes. Anualmente era seu contrato renovado até 1912, quando foi nomeado, mediante concurso, Professor Extraordinário efetivo por 5 anos; completado esse prazo, foi em 1917 reconduzido como Catedrático. De 1899 a 1900, regeu interinamente a cátedra de Escultura dessa mesma Escola.

A 29 de dezembro de 1911 naturalizava-se brasileiro, que já o era pelo espírito, coração e trabalhos patrióticos.

Por ter atingido o limite máximo de idade foi aposentado em 1934 como Professor Catedrático de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes, contando então 42 devotados e profícios anos de professorado, em que transmitiu os ensinamentos de sua arte a toda uma geração de brasileiros que são, em quase sua totalidade, os bons gravadores que hoje possuímos.

Aposentado, continuou trabalhando ininterruptamente, o que fêz até os últimos dias de sua gloriosa existência.

Em 1946, por iniciativa do Museu Nacional de Belas Artes, realizou-se no Rio de Janeiro uma grande exposição dos trabalhos representativos do maior gravador que já possuímos, onde foram mostradas as diversas fases de uma bela vida toda ela dedicada ao culto da arte, trabalhos que colocam *Girardet* entre os mais notáveis gravadores do mundo.

Nela figuravam numa série impressionante de beleza, medalhões, placas em gesso e bronze, medalhas de ouro, prata e bronze, sinetes brazenados, camafeus, gravuras sobre pedras preciosas e outros trabalhos de grande valor artístico, verdadeiras obras primas.

Augusto Giorgio Girardet foi premiado com:

Medalha de Ouro na Exposição de São Luís em 1904;

Grande Prêmio no Salão de 1908;

Grande Medalha de Ouro em 1913;

Medalha de Honra em 1919, a maior láurea conferida a um artista.

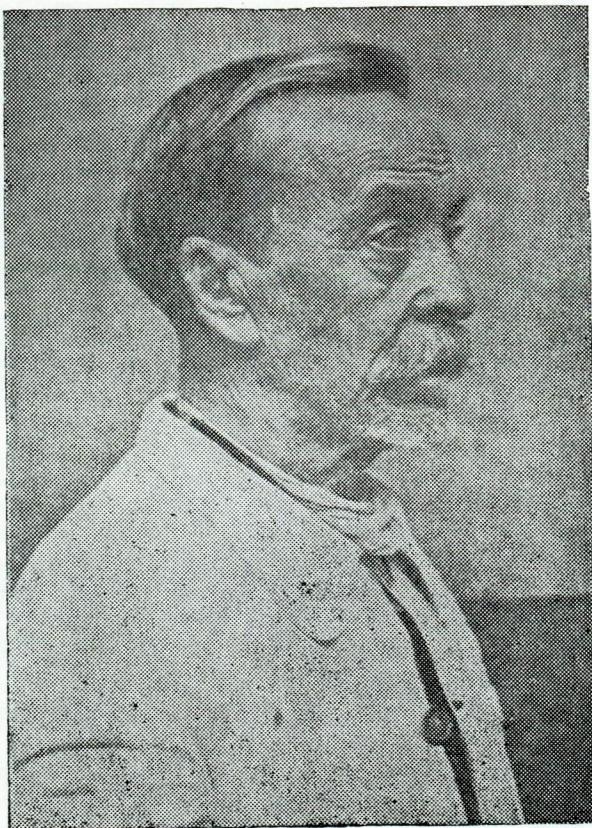


Fig. 23. — Augusto Giorgio Girardet.

Por decreto de 17 de agosto de 1903, S. M. Vitor Manuel III, rei da Itália, conferia a Girardet a comenda de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália.

"Fatos memoráveis, de alcance cultural nos domínios da História, também lhe foram submetidos ao exame para que os interpretasse de maneira expressiva. A obra monumental do Padre Serafim Leite acerca da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, deu causa a formosa medalha, como ocorreu com a portentosa *História Geral das Bandeiras*, em que se evidenciou em toda a pujança, a capacidade pesquisadora do autor, Afonso de Taunay, ao compor magistralmente o panorama das penetrações bandeirantes pela hinterlândia brasileira. Assim, os derradeiros trabalhos do Professor Girardet, que lhe comprovam ainda o valor intelectual e a habilidade das mãos, resultaram de iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que se beneficiava sobremaneira da sua cooperação, mas ao mesmo tempo, contribuía para que lhe avultasse cada vez mais a glória de gravador de luminosa inspiração. O último, em que apurava os traços, recordaria as feições serenas de Teodoro Sampaio, se não ficasse inacabado. Não lhe consentiu, porém, a vida evanescente, o remate da medalha iniciada com o propósito de executar mais uma prova de sua arte consagrada. O seu desaparecimento privou desta arte o Instituto Histórico e portanto o Brasil, do imortal artista que se lhe creditou à benemerência, pelo trabalho porfiado, que radioso idealismo inspirava" (11).

Alguns trabalhos executados pelo Prof. Girardet.

A primeira medalha que executou no Brasil em 1892-1893 foi para a Escola Nacional de Belas Artes, destinada a premiar os Expositores do Salão de Belas Artes, sendo o verso feito segundo desenho do Prof. Henrique Bernardelli, tendo 3 figuras de mulher representando a escultura, a arquitetura e a pintura, rodeadas da inscrição: *Escola Nacional de Belas Artes — Rio de Janeiro* e no alto as estrelas do Cruzeiro; no reverso, idealizado pelo então diretor Rodolfo Bernardelli, vê-se no centro o globo terrestre e lateralmente à esquerda uma estrela que da Grécia ilumina o Brasil, com a legenda: *As artes educam o homem e a humanidade*.

Essas medalhas foram gravadas pelo Prof. Girardet, em aço.

Em 1898 gravou também em aço no Brasil, a primeira medalha de sua composição, comemorativa do monumento ao General Osório, tendo no verso a reprodução do general a cavalo, como figura no alto do monumento executado por Rodolfo Bernardelli e

(11). — Artigo publicado por Virgílio Corrêa Filho, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1956, ao se referir ao falecimento de Girardet.

o “fac-símile” de sua assinatura; na orla a inscrição: *Ao General Osório, Marquês de Herval, Rio de Janeiro, 1894.*

Em 1898 executou os modelos da medalha em homenagem ao Duque de Caxias, comemorando a inauguração do monumento, obra do Prof. Rodolfo Bernardelli; no verso a reprodução do Duque de Caxias a cavalo, como se vê no referido monumento; no centro à direita, a espada circundada de fôlhas de carvalho e na bainha a data do nascimento e morte: 1802-1880; no reverso, na orla, uma corôa de louros e carvalho, no campo a legenda: *O povo erigiu o monumento em homenagem ao grande cidadão brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, Glória do Exército — Rio de Janeiro 1898.*

Foi a primeira medalha reduzida e cunhada em Paris, de 50 mm. de diâmetro.

No ano de 1900 executou o modelo da medalha comemorativa do 4.^º Centenário do Descobrimento do Brasil; no verso a reprodução do monumento a Pedro Álvares Cabral, de autoria de Rodolfo Bernardelli, rodeada da inscrição: *Associação do 4.^º Centenário do Descobrimento do Brasil* e lateralmente à direita a data 1500 e à esquerda 1900; no reverso o Anjo da Floresta o qual escreve no livro histórico que é seguro pelo Tempo, o acontecimento da descoberta do Brasil; ao lado esquerdo uma caravela, ao alto a constelação do Cruzeiro; um Gênio voando, sustenta a Bandeira Nacional e a flama radiante.

Nesse mesmo ano de 1900 executou modelos da medalha em homenagem a Gonçalves de Araújo e, em 1905, gravou a medalha do Marechal Floriano Peixoto, diretamente em aço, tendo no verso o busto fronteiro do Marechal, contornado pela legenda: *Marechal Floriano Peixoto* e no reverso ao alto, as armas do Brasil ladeadas pela espada e a bandeira e fôlhas de carvalho e louro, acompanhadas da inscrição: *Ao Consolidador da República dos Estados Unidos do Brasil — 1891-1894.*

Trabalhador incansável, Girardet produziu a interessantíssima série Presidencial que nos mostra o Marechal Deodoro até o Presidente Getúlio Vargas, tendo os anversos as efígies e os reversos os acontecimentos marcantes de cada governo, isso trabalhado com a finura e exatidão dos traços fisionômicos peculiares a tôda a obra dêsse extraordinário gravador.

Dentre as inúmeras medalhas que executou, honoríficas, premiais, comemorativas, etc., citaremos as do Barão do Rio Branco, Pereira Passos, Osvaldo Cruz, Carlos Gomes, Clemente Fraga, das visitas dos Reis da Bélgica ao Brasil em 1920, do General Justo, Presidente da Argentina em 1933 e muitas outras que seria longo enumerar.

Augusto Giorgio Girardet foi um artista completo na arte da gravura. Seus trabalhos caracterizaram-se pela delicadeza do desenho, beleza do modelado, exatidão e relêvo nos mínimos detalhes, isto dentro de uma composição eqüilibrada e perfeita (12).



Fig. 24. — Brasil República. Inauguração da estátua do general Osório.

Nasceu Manuel Luis Osório a 10 de maio de 1808, cinco anos depois de Caxias, na Província do Rio Grande do Sul. Sua carreira militar começou a realçar-se no dia 3 de fevereiro de 1852, na batalha de Monte Caseros, contra o ditador Rosas, de Buenos Aires. Foi, porém, no Paraguai, na tremenda luta ali sustentada de 1865 a 1870, que sua fama se tornou verdadeiramente legendária. Eleito senador em 1877, entrou para o gabinete Sinimbu de 5 de janeiro de 1878 como ministro da guerra e nesse posto faleceu a 4 de outubro de 1879. Na cripta do monumento jaz o seu cadáver embalsamado.

(51 mm. Gravada por A. G. Girardet).

(13). — A omissão de inúmeras, centenas de medalhas, a que não nos referimos agora, tem como causa o fato de ser impossível nos determos mais sobre a medalhistica brasileira, o que nos levaria então a um tratado todo especial, o que não é de nosso programa, dand-se a mesma razão para o fato de não incluirmos os nomes dos grandes gravadores de medalhas contemporâneas, artistas de reais merecimentos.



Fig. 25. — Brasil República. Inauguração da estátua do Duque de Caxias.

Luís Alves de Lima e Silva, sucessivamente barão, conde, marquês e duque de Caxias, nasceu a 25 de agosto de 1803. Com 42 anos de idade, era o duque de Caxias marechal de campo e senador do Império. Foi o pacificador do Rio Grande em 1837; do Maranhão em 1840; de São Paulo em 1842; de Minas também em 1842 e do Rio Grande do Sul em 1845. Pacificador do Império, vencedor do Uruguai, da Argentina e do Paraguai, foi Caxias administrador honesto, justo e moderado e poucas vezes tem tido um homem ocasião de conduzir o destino de uma nacionalidade e de lhe prestar tão insignes, brilhantes e assinalados serviços tanto na guerra como na paz.

Anverso: ao centro, a estátua do duque de Caxias. Um punho de espada e um ramo de carvalho. No punho da espada podem se ler as éras de 1803 e 1880, indicando o nascimento e falecimento do duque.

Reverso: na orla, uma coroa de carvalho e louro. No campo: *o povo / erigiu o monumento ao grande cidadão brasileiro / Luís Alves de Lima e Silva / glória do Exército / Rio de Janeiro / MDCCCXCVIII.*

A estátua do duque de Caxias foi inaugurada em 15 de agosto de 1899 e não em 1898 como indica a medalha. Obra do escultor brasileiro, o ilustre Rodolfo Bernardelli foi executada em Paris, nas oficinas Thiébaud.

(50 mm. Gravador: A. G. Girardet).



Fig. 26. — Brasil República. Criação do Primeiro Cardinalato Brasileiro.

Medalha mandada cunhar pela Comissão Executiva dos Festejos Cardinalícios e por conta das Dioceses do Brasil, para comemorar a criação do primeiro Cardinalato Sul-Americano e em homenagem de gratidão a S. Santidade o Papa Pio X.

O primeiro Cardeal Brasileiro foi D. Joaquim Arco-verde de Albuquerque Cavalcanti, arcebispo do Rio de



Anverso

Fig. 27. — Medalha comemorativa do Descobrimento.



Fig. 28. — Medalha do descobrimento.



Fig. 29. — Medalha do Descobrimento.

Janeiro, nascido em Pernambuco em 1850 e falecido em 1930.

Ao Sumo Pontífice o Papa Pio X, como homenagem de reconhecimento dos católicos brasileiros foi oferecido um exemplar desta medalha com rica cercadura de pedras preciosas, encerrada em artístico estojo confeccionado com madeiras do Brasil e ornamentado com todos os escudos heráldicos dos bispos brasileiros.

(70 mm. Gravada por A. G. Girardet).

MEDALHAS COMEMORATIVAS DO 4.^º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

Esta belíssima série de medalhas cunhadas em Paris por ordem do governo do Estado do Pará, representa uma homenagem aos grandes exploradores do rio Amazonas.

O rio Amazonas, um dos maiores rios do mundo, nasce no lago Lauricocha, na cordilheira dos Andes (Perú) a 4.000 metros acima do nível do mar; com o nome de *Marañon* banha o Perú, o Brasil, atravessa enormes florestas virgens e lança-se no Oceano Atlântico, no Estado do Pará. É também chamado ao entrar em território brasileiro, de *Solimões*, até a confluência do rio Negro. Tem um curso aproximado de 6.000 quilômetros, recebendo um número considerável de afluentes, tendo a sua foz principal a largura de 92 quilômetros.

Quem primeiro descobriu o rio Amazonas foi o piloto espanhol Vicente Yanez Pison, companheiro de Cristóvão Colombo, que explorou a costa norte do Brasil reconhecendo o seu estuário, quando denominou o grande rio de *Mar Dulce*. Quarenta anos mais tarde, Francisco Orelana, outro explorador, substituiu este nome pelo de *Amazonas*, por haver sido atacado pelos índios Cumurús, cuja apariência lhe fez supor haver combatido com uma horda de mulheres guerreiras.

Gonçalo Pizarro, irmão do conquistador do Perú foi o organizador de uma grande expedição ao rio Amazonas explorando-o até sua confluência com o rio Napo, que nasce nos flancos do Cotopaxi, nos Andes.

Pedro Teixeira, chefe da expedição de 1639, organizada pelo capitão-geral Velho de Carvalho foi quem levantou um marco na foz do rio Napo como sinal da ocupação do Brasil pelos portuguêses, fato que devido à separação entre Portugal e Espanha no ano seguinte foi um dos principais argumentos apresentados por Portugal para provar o seu direito a toda a bacia do Amazonas até aquele ponto.

Estas expedições compreendem dois ciclos: o ciclo espanhol formado pelas missões de Quito principalmente e o ciclo português, posterior, cuja origem é a Metrópole ou o Pará. O primeiro explorou do Oeste para Leste e o segundo de Leste para Oeste, da foz para as cabeceiras.

Esta série comemorativa compõem-se de quatro medalhas, sendo o anverso comum a todas. No campo a figura de Pedro Álvares Cabral, tendo na orla superior:

Almirante Pedro Alvares Cabral e na inferior: Descobrimento do Brasil — 22 de abril de 1500.

1 — *Vicente Yanez Pison — Santa Maria de la Mar Dulce.*

Reverso: No campo caravelas. Na orla superior: *Santa Maria de la Mar Dulce*; na inferior; *Vicente Yanez Pison*. 1500.

2 — *Gonçalo Pizarro — Pedro de Ursua. 1500.*

Reverso: Uma homenagem aos dois exploradores. Ao centro, barco tripulado que se aproxima do continente. Na orla superior: *Napo — Amazonas — Juruá*; na inferior; *Gonçalo Pizarro — Pedro de Ursua. 1500.*



Fig. 30. — *Medalha do Descobrimento.*



Fig. 31. — Medalha do Descobrimento.

3 — *Conquista do Amazonas.*

Reverso: No centro, caravela e desembarque dos exploradores. Na orla superior: *Conquista do Amazonas*. 1637. Na orla inferior os nomes dos dois exploradores: *Pedro Teixeira* e *Bento de Oliveira*.

4 — *Dante de la Touche*, fundador da cidade de São Luis do Maranhão.

Reverso: Barcos subindo o rio e paisagem ribeirinha. Na orla superior: *Dante de la Touche*; na inferior: *Pará — Tocantins*. 1613.

Outras medalhas da República.



Fig. 32. — Brasil República. Proclamação da República no Brasil.

A frente de um movimento militar do qual se aproveitaram os chefes do partido republicano, o general Manuel Deodoro da Fonseca, no Campo de Santana, no Rio de Janeiro, proclamava a 15 de novembro de 1889, a *República dos Estados Unidos do Brasil*.

Anverso: Figura da República em corpo inteiro entre figuras simbólicas; na orla superior a legenda: *Libertas quae sera tamen.*

Reverso: Na orla superior: *Para glória da República;* na inferior vinte estrélas representando os Estados do Brasil. No campo, em seis linhas horizontais: *Em / honra do Povo Brasileiro / e do Exército / e / Armada Nacionais.*
75 mm.



Fig. 33. — *Brasil República. Inauguração da Avenida Central.*

Medalha comemorativa da construção da Avenida Central, hoje Rio Branco, na cidade do Rio de Janeiro, executada no prazo de vinte meses na presidência do Dr. Rodrigues Alves.

Anverso: três medalhões contendo o primeiro, em cima, o busto do presidente Rodrigues Alves, de frente; à esquerda, no segundo medalhão, busto à direita do ministro da Viação, o dr. Lauro Muller e no terceiro medalhão, à direita, o busto à esquerda do dr. Paulo Frontin. A medalha contém os seguintes dizeres: à esquerda em cima: *Início dos trabalhos / 8 de março de 1904.* No seu lado direito, em cima: *Inauguração da Avenida Central / 15 de novembro de / 1905.* Em baixo: *Decreto / n.º 4969 / de 18 de setembro de / 1903.*

Reverso: *Avenida Central / traçada e executada / no período / presidencial / do exmo. snr. dr. Fran. Pau. Rodrigues Alves.* Em baixo: *Rio de Janeiro / 15-11-1902.*
15-11-1906. Ao centro, perspectiva da Avenida.



Fig. 34. — Brasil República. Departamento do Alto Juruá.

Esta medalha comemora a fundação do Departamento do Alto Juruá e a instalação da sua Prefeitura no Território do Acre definitivamente reconhecido brasileiro pelo Tratado de Petrópolis de 17 de novembro de 1903. O litígio entre o Brasil e a Bolívia foi resolvido quando o ministro das Relações Exteriores do Brasil, o barão do Rio Branco, auxiliado pelo dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Medalha em forma de cruz. 60 mm.



Fig. 35. — Medalha comemorativa da fundação da Sociedade Numismática Brasileira.

A Sociedade Numismática Brasileira foi fundada em São Paulo a 19 de janeiro de 1924, sendo a maior e a mais antiga do Brasil. Não foi só com o simples objetivo de colecionar moedas e medalhas que se fundou a Sociedade, mas sim coligir também elementos necessários para a publicação de obras sobre Numismática Geral e Brasileira em particular. Possuidora de precioso arquivo de alvarás, cartas régias, decretos, provisões, portarias e avisos das leis referentes à Numismática Nacional, tem instalada em sua sede riquíssima biblioteca especializada, além de um museu numismático de apreciável valor.

(50 mm. Prata e bronze).



Fig. 36. — Primeiro Congresso de Numismática Brasileira.

Medalha comemorativa mandada cunhar pela Sociedade Numismática Brasileira por ocasião do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira realizado em 1936, na cidade de São Paulo.

Anverso: a legenda: *Primeiro Congresso de Numismática Brasileira* ao centro, ocupando todo o campo, um grupo alegórico representando a Arte, a História e a Numismática; ao redor, sete signos monetários dos mais raros de nossa numária; na parte inferior: *A Sociedade Numismática Brasileira esta iniciativa promoveu na cidade de São Paulo a 24 de março de 1936.*

Reverso: a legenda: *Nummos Exqvirentes Brasiliae Annales Conficimus* (Analisando moedas compomos os Anais do Brasil); o monte Jaraguá como símbolo do primeiro lugar da extração do ouro no Brasil; abaixo do monte, ao lado de uma prensa monetária, os dizeres: *Jaraguá Mons e Brasiliae Aurum Primus Obtuli* (fui o primeiro que ofereceu ouro ao Brasil), à esquerda a efígie de Afonso Sardinha, o primeiro minerador do precioso metal e as éras: 1589-1604; na parte inferior, a assinatura do autor da medalha: M. (Miguel) Langone.
(60 mm. Gravada por Langone).

CLASSIFICAÇÃO DAS MEDALHAS.

Sendo as medalhas exemplares de grande interesse artístico e histórico, superando às vêzes as próprias moedas, embora seu destino seja sómente o comemorativo e sendo também sua matéria variadíssima, podemos dividí-las para melhor estudá-las, em três secções:

- 1.º — As medalhas do Renascimento;
- 2.º — As medalhas dos séculos XVII e XVIII, até a primeira metade do século XIX;
- 3.º — As medalhas contemporâneas.

A classificação das medalhas obedecendo a divisão dada, é variável, dependendo é claro, do ponto de vista de cada colecionador.

Damos aqui uma classificação bastante interessante e que nos apresenta a seguinte ordem:

- 1.º *Cronológica.*
- 2.º *Histórica.*
- 3.º *Artística.*
- 4.º *Pessoal.*
- 5.º *Matéria.*

Nos países onde a tradição numismática está mais enraigada a ordem cronológica deve ter preferência e dentro de cada época se estabelecem tantas subdivisões, quantas sejam necessárias a uma melhor classificação.

O *histórico* se adapta à produção medalhistica de qualquer país, levando-se em consideração sua antigüidade. Neste caso, formar-seiam dois grupos: as peças cunhadas contemporaneamente recordando fatos históricos e as cunhadas posteriormente, referentes ao mesmo assunto.

A classificação *artística*, independente dos demais grupos, por obedecer antes de mais nada, ao sentimento de beleza de cada peça. Neste caso, seguindo uma ordem cronológica, as medalhas seriam agrupadas por artistas e escolas, não entrando em consideração o assunto de que tratam, mas sim, o artista que modelou a plástica.

A classificação *pessoal*, tem como finalidade principal mostrar na coleção de medalhas a homenagem que sucessivas gerações tem feito a uma determinada pessoa, cuja ação tenha sido decisiva à História de sua pátria.

A classificação por assunto é ampla e abrange inteiramente a medalhistica; não há exceções de nenhuma classe. Tôdas as peças entram a formar parte, desde as mais raras, as mais comuns, das mais valiosas, as de menor valor, da mais bela e artística, a mais feia e tosca.

Há ainda os que se interessam por coleções locais, isto é, conjuntos que representam Estados ou só cidades.

E' natural que o lugar de nascimento de cada um tenha em muitos casos influência preponderante, não só na sua formação, como na sua cultura, gostos e inclinações. Daí a tendência sentimental de preferir colecionar carinhosamente peças onde transpareçam sentimentos de um nobre esforço à terra onde nasceu.

Surgem assim as simples coleções, conjuntos numismáticos de determinadas regiões que, com o andar do tempo se transformam em valiosos acervos de museus locais, por doações feitas em vida por seus proprietários.

*

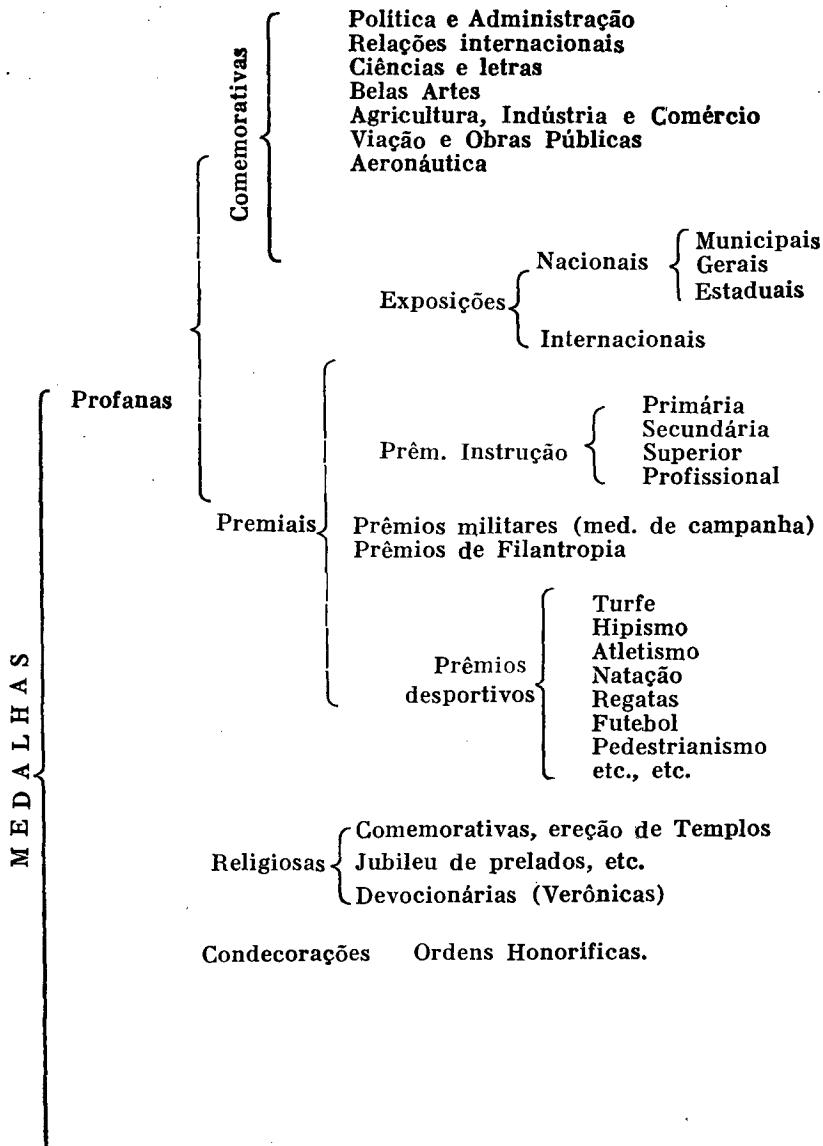
*Classificação das Medalhas Brasileiras ou referentes ao Brasil
segundo o sistema usado pelo Museu Histórico Nacional
do Rio de Janeiro.*

A organização usada pelo nosso *Museu Histórico Nacional*, classifica as medalhas na seguinte ordem de acordo com o critério do Sr. Dr. Edgar de Araújo Romero, ilustre chefe da secção de numismática dessa magnífica casa de educação.

*Domínio Holandês
Domínio Português
Família Imperial
Chefes de Estado
Política e Administração
Campanhas e Heróis
Abolição
Relações Internacionais
Ciências e Letras
Belas Artes
Instrução e Educação
Viagens e Descobrimentos
Viação e Obras Públicas
Agricultura, Indústria e Comércio
Aeronáutica*



*Maçônicas
Esportes
Assuntos Universais*



*

Como vemos, é na realidade a medalha uma fração da História, cuja durabilidade pode ser infinita através dos séculos, pois seus símbolos impressos nos mais variados metais fixa de forma indelével os fatos relevantes e a própria cunhagem da medalha pode dar-nos a medida da evolução da Arte e do grau de civilização de um povo.

(Continua no próximo número).

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA

da Sociedade Numismática Brasileira.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

- Fr. Lenormant. — *Monnaies et Médailles*, nova edição, Paris.
— *La monnaie dans l'antiquité. Monnaies et Médailles*, Paris.
Jean de Foville. — *Pisanelle et les Médailleurs italiens*, Paris.
Ambrosoli-Gnechi. — *Manuale Elementare di Numismaticca*, Milano, 1915.
Alfred Armand. — *Les Médailleurs italiens des Quinzième et Seizième siècle*, Paris, 1883-1887.
Cornelius von Fabriczy. — *Medaillen der Italienischen Renaissance*, Leipzig.
C. F. Kaery. — *British Museum Department of Coins and Medals. A Guide to the exhibition of Italian Medals*, Londres, 1893.
V. H. Grueber. — *A Guide to the Englisch Medals*, Londres, 1881.
Forrer. — *Biographical dictionary of medallists*.
Captain J. C. Laskey. — *Description of the series of medals struck at the national medal mint by order of Napoleon Bonaparte*, Londres, 1818.
Jean Babelon & Joséphe Jacquot. — *Histoire de Paris d'après les médailles de la Renaissance au XX siècle*.
Jean Babelon. — *La médaille et les médailleurs*, Paris, 1927.
Gedenkiveerdige Brasiliaense Zee-Laudt-Reize, Amsterdão, 1682.
Alph. de Witte et Victorourner. — *Procès verbaux et Mémoires du Congrès International de Numismatique et d'Art de la Médaille Contemporaine tenu à Bruxelles*.
Alfred de Witte. — *La Médaille en Belgique au XIX siècle*, Bruxelas, 1905.
Victor Tourneur. — *Catalogue des Médailles du Royaume de Belgique*, Bruxelas, 1911.
Jean D. Benderly. — *Ce que recontent Monnaies et Médailles*, Paris, 1922.
Mionnet. — *Description des médailles antiques grecques et romaines*.
H. Cohen. — *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain*.
Bizot. — *Histoire métallique de la République de Hollande*, Amsterdão, 1887.
Max Bernhart. — *Medaillen und Plaketten*, Berlim, 1911.
Hermann Watjen. — *O domínio colonial holandês no Brasil*, São Paulo, 1938.

- Gerard van Loon. — *Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas*. Amsterdão, 1723.
- Dompierre de Chaupepié. — *Medailles et Estampes*, in ““Memoires du Congrès International de Numismatique et d'Art de la Médaille”, Bruxelas, 1910.
- Dompierre de Chaupepié e Van Kerkwyk. — *Choix de monnaies et médailles du Cabinet Royal de la Haye*, Haia, 1911.
- Le Clerc. — *Histoire des Provinces-Unies des Pays Bas, avec les principales médailles et leur explication*, Amsterdão, 1723.
- Catálogo da Exposição de História do Brasil, Rio de Janeiro, 1881.
- Catálogo Frederik Muller, Amsterdão, 1891.
- Catálogo da coleção J. Fonrobert, Berlim, 1878.
- Catalogus der Nederland Gedenkpenningen, 1903.
- F. Mazerolle. — *La Monnaies. Les Médailleurs français*.
- Alois Heiss. — *Médailleurs de la Renaissance Italienne*.
- Natale Rondot. — *Les médailleurs et graveurs de monnaies en France*.
- Jean Baptiste Debret. — *Voyage Pittoresque au Brésil*.
- Netscher. — *Les Hollandais au Brésil*.
- E. A. Stucklberg. — *Charge de cours a l'Université de Zurich*, edição francesa par A. Marcier.
- Viscondessa de Cavalcanti. — *Catálogo das medalhas brasileiras e das estrangeiras referentes ao Brasil*, Paris, 1910.
- Artur Lamas. — *Medalhas Portuquêses e Estrangeiras referentes a Portugal* (memória histórica e descritiva baseada na coleção iniciada por José Lamas), Lisboa, 1916.
- Pedro Alves Camelo. — *Da Medalha*, Recife, 1953.
- Varnhagen. — *História Geral do Brasil*, 2a. edição.
- Alfredo de Carvalho. — *Moedas obsidionais no Recife*, in “Revista do Instituto Arqueológico”, vol. XIII.
- Monsenhor Pizarro e Araújo. — *Memórias históricas*, tomo VIII, parte 3a., Medalhistica no Brasil Reino.
- Febret. — *Projeto do plano para a Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro*, Rio, 1824.
- Virgílio Corrêa Filho. — Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1956.
- Iolanda Marcondes Portugal. — *Medalhas do Domínio Colonial Holandês no Brasil*, in “Revista Numismática”, ano XIV, São Paulo, 1946.
- Francisco Marques dos Santos. — *Medalhistas brasileiros*, “Anais do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira”, São Paulo, 1936.
- Biblioteca da Sociedade Numismática Brasileira.
- Roberto Southey. — *História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1862.